

JOHN GLEDSON: *The Deceptive Realism of Machado de Assis: A Dissenting Interpretation of Dom Casmurro*. Liverpool: Liverpool Monographs in Hispanic Studies, 1984.

Como o subtítulo indica, o livro de John Gledson é polêmico. «Dissentir» implica contradizer uma opinião mais geralmente aceita ou estabelecida, e é nesta discordância que encontramos o primeiro problema do livro.

A idéia contra a qual *Deceptive Realism* se formula é identificada com as escolas de crítica modernista no Brasil, e a crítica do movimento do *boom* na América Latina em geral. Segundo Gledson, estes críticos diferenciam *Dom Casmurro* e os outros romances «maduros» de Machado de Assis do movimento realista, por causa do que percebem como uma falta de referência à realidade social e política. Estes críticos, segundo ele, classificam a obra como um precursor do modernismo e do *boom*, justamente por esta falta de consciência social (pp. 2-3). Esta formulação do «partido no poder» deixa muitas dúvidas. Desde quando é a falta de referência social uma característica distintiva ou do modernismo brasileiro ou do *boom*? Onde está a preponderância de opinião, negando o conteúdo social das obras posteriores de Machado? Há vários críticos que notam a preferência do autor por questões universais, que não se limitam a uma determinada nacionalidade ou época, mas há uma torre de marfim implicada nisso? E desde quando é que Machado não é geralmente considerado realista? Há muitos «poréns» nas suas definições, mas não é verdade que uma boa parte da crítica acaba classificando Machado como realista?

O consenso contra o qual o livro visa dissentir não é documentado no livro. Por isso, o leitor que conhece a variedade de opiniões críticas sobre o autor brasileiro se perguntará se o acordo assim definido realmente existe. Livro de oposição, *Deceptive Realism* tem um oposto um tanto duvidoso.

No entanto, o livro não deixa de contribuir nova informação de inegável valor para os estudos machadianos. A tese central do livro é que *Dom Casmurro* é uma alegoria política, representando a fase de transição na política brasileira no fim do segundo reinado (pp. 91-94). Segundo esta interpretação, a família Santiago simboliza a oligarquia política dos anos 1855-71. A família de Capitu, e os personagens José Dias e Escobar representam as classes e os interesses marginais desta época, lutando por estabelecer-se econômica e politicamente. Assim, o casamento de Bentinho e Capitu sugere uma espécie de aceitação dos interesses mais populares (embora com alguma relutância) por parte dos poderosos. Sua vida conjugal é uma experiência pré-republicana, que acaba fracassando. A morte de Escobar, que no nível explícito marca o começo das dúvidas de Bentinho sobre a fidelidades de sua esposa, marca no nível alegórico a barreira entre duas épocas políticas —«uma de confiança e felicidade, e outra de dúvida angustiada» (p. 132). Esta mensagem é de tal maneira encoberta, segundo Gledson, porque Machado queria guardar sua própria tranqüilidade diante dos poderosos (p. 94).

Empregam-se vários métodos para dar valor a esta leitura do romance. A citação exaustiva do próprio romance é suplementada por uma detalhada explicação da história da época. O autor faz questão particular de notar a coincidência de datas importantes, como indicadores dentro da ficção aos fatos históricos. Gledson examina outras obras de Machado (especialmente «Casa velha» e *Quincas Borba*) para mostrar pontos em que o conhecimento e as preocupações do romancista correspondem às hipóteses da leitura alegórica.

O livro adere enfaticamente à idéia de que há *um* significado na obra de arte, e que este é o significado que o autor pretendeu (p. 11). Conseqüentemente, há muita linguagem absoluta, referindo-se «à verdadeira mensagem do livro» (pp. 50, 93, 209). Nisto está o segundo grande problema do livro. Além das perguntas que sempre surgem sobre este tipo de aproximação (sobre a possibilidade de saber das intenções do autor, e a relevância destas intenções, mesmo que sabidas), há outras dúvidas e críticas que pedem ser levantadas. Dentro de seu próprio projeto (o de descobrir a verdadeira mentalidade do autor), Gledson descobriu uma mente limitada demais. É difícil crer que as intenções de Machado de Assis se limitassem exclusivamente às peripécias da política brasileira. Tal leitura exclusiva acaba empobrecendo a obra, fazendo-a um texto pouco aplicável a leitores de outras circunstâncias. Como *uma* interpretação entre várias, a exegese de Gledson merece certa aceitação, mas como a única interpretação válida, o argumento encontrará muita resistência.

A implicação mais grave desta aproximação é que o livro acaba contradizendo-se. Gledson lê o romance como uma crítica de um regime autoritário, e encontra o valor da obra na sua súplica implícita por um sistema de mais liberdade e acesso. Porém, Gledson constrói o seu livro sobre um alicerce crítico autoritário. Postulando uma única leitura válida, ele apoia uma oligarquia de opiniões, em que não há liberdade nem acesso.

PAUL B. DIXON

*Purdue University.*

TOMÁS ELOY MARTÍNEZ: *La novela de Perón*. Buenos Aires: Edición Legasa, 1985.

Tomás Eloy Martínez, destacado periodista y crítico de cine, ha publicado una novela, *Sagrado* (1969); un relato periodístico, *La pasión según Trelew* (1973); un libro de relatos, *Lugar común la muerte* (1979), y ensayos literarios, con anterioridad a la obra que aquí reseñamos. Se ha dedicado, en los últimos años, al estudio de los cronistas de Indias y prepara, para la Biblioteca Ayacucho, una edición de la *Historia y población de la conquista de Venezuela* de Oviedo y Baños. La experiencia periodística ha sido de gran ayuda al autor en la composición de su reciente novela, donde logra comunicar con realismo y eficacia los elementos verídicos de su historia. *La novela de Perón* es un libro hecho con documentos, cartas y testimonios, pero es también una obra de imaginación que nos devuelve el pasado apenas clausurado de la historia argentina, restituyéndole la emoción, las complejidades y las contradicciones de la vida. Eloy Martínez ha visto y ha sufrido el desgarramiento de la sociedad argentina que allí describe y ha conocido a su protagonista en la intimidad. La figura de Perón es reconstruida a través de las memorias que el caudillo le dictó personalmente entre 1966 y 1972, y las que López Rega le leyó en 1970, explicándole «que pertenecían al General aunque él las hubiese escrito».

El comienzo de la novela sitúa a Perón, Isabel, López Rega, Cámpora y otros personajes menores en el avión que lleva al General desde Madrid a Buenos Aires, donde asumirá el poder luego de dieciocho años de exilio. Es el 20 de junio de 1973. A partir de ese momento, el relato describe, en el tiempo y en el espacio, un doble itinerario: por una parte, nos vamos enterando de la violencia, ya desencadenada, ante la inminente llegada de Perón, entre los bandos de izquierda y de derecha que se lo disputan. Por la otra, nos adentramos en la psicología de Perón,